

Visuais | Arquitetura

Grandes nomes do urbanismo e das artes falam da cidade em crise no Sesc Pompeia

Antonio Gonçalves Filho

Os idealizadores do fórum *Ideas City* acreditam que “as artes e a cultura são essenciais para a vitalidade do centro urbano, tornando-o melhor para viver, trabalhar e criar”. Essa crença está traduzida na lista de participantes da segunda conferência global promovida pelo New Museum (a primeira foi em Istambul em 2011), a começar pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha, palestrante da abertura, amanhã, no Sesc Pompeia. Se o *Ideas City*, como diz sua mentora Lisa Phillips, que dirige o New Museum, é um “sismógrafo para detectar sentimentos, movimentos e tendências”, ela tem em Mendes da Rocha o exemplo de um arquiteto que pensa a cidade não como palco de seus projetos, mas como memória dos vestígios que a história deixa – e que precisam ser considerados, tanto quanto o impacto que novos projetos exercem sobre a metrópole.

Ao lado do premiado arquiteto brasileiro estarão outros profissionais da área que, em seus países, repensam as políticas urbanas voltando-se para soluções criativas não necessariamente vinculadas à arquitetura institucionalizada, caso de Teddy Cruz (*leia entrevista abaixo*), professor da Universidade da Califórnia. Cruz não vê a cidade como um playground de privilegiados e projetos icônicos, mas um espaço democrático que abrigue os marginalizados, acreditando em sua inteligência crativa. “As favelas de Tijuana podem ensinar boa arquitetura a San Diego”, resume o arquiteto.

O diretor regional do Sesc, Danilo Santos de Miranda, divide com ele a opinião de que a cidade precisa ser repensada a partir dos cidadãos, e criou um programa chamado *Sampa Criativa*. “Vamos recolher opiniões sobre o Plano Diretor, por exemplo, para saber como a população se posiciona a respeito do zoneamento e dos recursos da cidade.” A crença na arquitetura como aliada do processo educativo fez o Sesc investir em prédios degradados como a fábrica da Pompeia, em 1982, e, brevemente, numa velha indústria na periferia de Campo Limpo.

O livro dedicado pelo italiano Daniele Pisani trata especialmente da capacidade de Paulo Mendes da Rocha de dar nova cara e uso a prédios antigos como o do Museu Nacional de Estado e o Museu Nacional de Belas Artes. Sua ligação com a cultura, aliás, fez com que ele aceitasse o desafio de projetar o Cais das Artes em Vitória (*foto acima*),



Cais. Marco das artes em Vitória feito por Mendes da Rocha



PAULO MENDES DA ROCHA – OBRA COMPLETA

Autor: Daniele Pisani
Tradução: Alexandre Salvaterra
Editores: GG Brasil (400 págs., R\$ 250)



Vanguarda. À esquerda, Eva Franch i Gilabert, que vai ser a curadora do pavilhão americano na Bienal de Veneza em 2014, e fala no sábado, às 15h, no *Ideas City*



Charles Renfro

Sócio do escritório de “starchitects” Diller Scofidio + Renfro, o autor do projeto do MIS de Copacabana (*abaixo*), também arrojado designer, Charles Renfro debate sábado, às 11h30, o tema *De Quem é o Centro?*

sua cidade natal. De fora, outro arquiteto participante do *Ideas City*, Charles Renfro, que projetou o novo Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (*leia ao lado*), prova como a cultura, hoje, é a mola mestra da transformação arquitetônica das grandes cidades.

O *Ideas City* tem vários nomes estelares entre os convidados, destacando-se a americana Eva Franch i Gilabert, que será a curadora do pavilhão americano na Bienal de Arquitetura de Veneza em 2014, o músico Arto Lindsay e a artista visual Jac Leirner.

IDEAS CITY: SÃO PAULO
Sesc Pompeia. R. Clélia, 93. tel. 3871-7700. De 6ª a domingo, a partir das 9h. Grátis (entrada sujeita à lotação do teatro)



Voz da arte. Jac Leirner (à esquerda) participa no sábado, às 18h, de uma conversa com dois outros artistas brasileiros, Jonathas de Andrade e Lúcia Koch



Teddy Cruz examina a ‘lógica da gambiarra’

Jotabê Medeiros

Vivendo em San Diego, Estados Unidos, nos limites com Tijuana, no México (a fronteira de maior tráfego de pessoas no mundo), o arquiteto Teddy Cruz especializou-se em examinar a lógica social e política das habitações de emergência, lugares construídos ou rearranjados por imigrantes (legais e ilegais). Em 2008, suas observações em comunidades marginalizadas dos dois lados da fronteira o levaram a ser escolhido como o representante norte-americano na Bienal de Arquitetura de Veneza. Não são conclusões ordinárias as de Teddy Cruz.

“As melhores ideias urbanis-

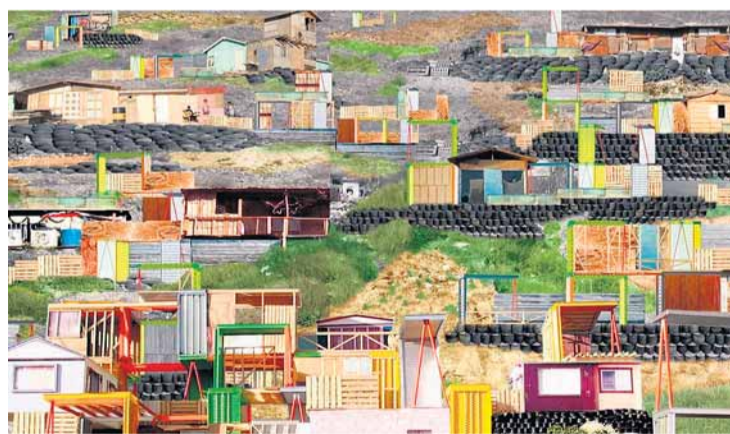
ticas hoje não vêm das cidades ricas, nem das metrópoles. Essas cidades têm obsessões por ícones arquitetônicos, pela glorificação da forma. Há uma ‘belezificação’ da arquitetura, particularmente nos Estados Unidos, que sequestra todos os outros temas”, disse Cruz, falando ao Estado por telefone essa semana. “O futuro das cidades está menos em prédios e monumentos arquitetônicos do que na reconfiguração.”

Pela terceira vez no Brasil, Teddy Cruz (que é também professor na Universidade da Califórnia) fala no *Ideas City* neste sábado, das 10h às 11h, sobre o tema *Canalizando a Resistência: A Raiva Como Capital Inexplora-*

do (seu parceiro na conferência é Adam Greenfield).

Basicamente, Cruz crê que todo o crescimento urbano nos tempos atuais tem sido orientado por estratégias de consumo, “voltadas para consumidores em vez de para a produção cultural”. Nos “laboratórios” de imigração que ele tem examinado ao redor do mundo, Cruz vê uma “inteligência criativa” e estratégias de participação comunitária que estão contidas dentro da organização urbanística.

Ele produziu uma teoria que nasce da informalidade, mas não do desregramento. A observação das moradias de imigrantes e suas soluções únicas revela como surge uma interfa-



Laboratório. Na fronteira de Tijuana, de olho na informalidade

ce harmoniosa entre as instituições e as comunidades, e orienta estratégias. “Hoje, a arquitetura das cidades foca mais no jeito que os edifícios parecem do que como atuam. O que minha experiência mostra é que é preciso saber primeiro o que o edifício pode fazer pela cidade”, afirma.

No caminho de um lado a outro de uma fronteira, no processo de reconstrução e adaptação,



Ted Cruz. Elogios ao Paraná

na adoção de soluções improvisadas, nasce um clareamento da questão da identidade, do pertencimento, acredita o pesquisador, que nasceu na Guatemala e é ele mesmo um imigrante em trânsito. Cada caso, entretanto, é um caso: as favelas podem ter origem na pobreza, na precariedade e na privação, mas condições de topografia, de economia, culturais: tudo pode distinguir uma da outra.

Teddy Cruz politiza a questão arquitetônica, mas não no sentido clássico. Diz o tempo todo que seu trabalho não trata de “romantizar a pobreza”. Segundo ele, a euforia pela arquitetura ativista “muitas vezes, conscientemente ou não, esconde atuações totalitárias e colonialistas, as mesmas que buscam derrubar”. Elogia as soluções urbanísticas adotadas nos anos 1970 e 1980 por Jaime Lerner em Curitiba, no Paraná, e acha São Paulo “maravilhosa” por conta de sua “densidade cultural”.